



## **Desconforto, excessos e rock and roll**

*A maçã envenenada*, de Michel Laub

Anna Carolina Botelho Takeda\*

“Não morres satisfeito.  
A vida te viveu  
Sem que vivesses nela.  
E não te convenceu  
Nem deu qualquer motivo  
Para haver o ser vivo”.

Carlos Drummond de Andrade

Um adolescente deslumbrado com as possibilidades da relativa liberdade recém-adquirida e fascinado pelos ídolos do rock desponta como personagem principal do romance *A maçã envenenada*, de Michel Laub. Entretanto, o desejo de ver o primeiro show no Brasil de uma de suas bandas preferidas – o Nirvana – esbarra nas responsabilidades e dores adultas.

Um artifício que chama a atenção na narrativa é um distanciamento temporal em relação aos eventos recontados que acaba quebrando a cronologia. Em pequenos capítulos, vamos de

\* Doutoranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade de São Paulo (USP).

Porto Alegre a São Paulo no mesmo momento em que passamos a Ruanda e Londres. As ligações se dão por meio de fatos importantes para o narrador: o show do Nirvana, a morte de seu líder anos depois, a estada em Londres e o genocídio ocasionado pela guerra civil em Ruanda. O enredo se constitui em vaivéns entre acontecimentos que refletem o processo de amadurecimento e o rito de passagem vivido pelo rapaz, que, ao invés de seguir de modo dócil e subordinado a vida de estudante de Direito e reservista, opta por aventurar-se, mesmo que timidamente, na rebeldia.

Ele é uma espécie de Holden Caulfield – protagonista do romance *O apanhador no campo de centeio*, de J. D. Salinger – nos tempos da cultura de massa, da febre gerada pelo surgimento de ícones rebeldes do rock atrelados à forte indústria fonográfica americana, com sua influência sobre o comportamento juvenil. No entanto, sua rebeldia é proporcional a seu medo de lançar-se num mundo em que somente as paixões podem existir.

Apaixonado por Valéria, sua primeira namorada, assusta-se com a instabilidade emocional da garota, que o tira parcialmente da disciplina cotidiana, fincada na rigidez das normas do Exército e do conservadorismo da Faculdade de Direito. Seu meio é opressor, mas não o nega em bloco para não desrespeitar completamente as normas sociais a serem acatadas por um jovem de classe média que, conforme salienta, conseguiu entrar num dos cursos mais concorridos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O quartel e os botecos sujos em que ouve as bandas punks de garagem são dois polos que, como alegorias, representariam o mundo da ordem e o da desordem, respectivamente.

Entre os eventos que marcam sua vida, o mais importante é a morte do líder do Nirvana, Kurt Cobain, símbolo da falência da

sensibilidade diante da violência da sociedade. Definindo-se como “triste, pequeno, sensível”, o músico se suicidou com a justificativa de não ter mais paixão pelas coisas que fazia. Ídolo de uma geração formada pela televisão e, nesse caso, mais especificamente pelo canal de música e entretenimento MTV, sua morte despertou uma grande comoção entre jovens de todo o mundo. A postura romântica do cantor configurou uma verdadeira denúncia da indústria cultural, que extermina a criatividade dos artistas em prol de resultados financeiros. Para o narrador, o incidente é importante não apenas por isso, mas porque está intimamente ligado ao fim da adolescência e ao doloroso término da relação amorosa com Valéria.

O próprio título *A maçã envenenada* comprova a importância do Nirvana para o protagonista: trata-se de tradução de parte de um verso da letra da música “Drain you”, que se torna significativa por causa de um cartão-postal enviado pela namorada no momento em que parte de Porto Alegre para São Paulo, com o intuito de assistir ao show. Em dúvida se deserta do quartel para se aventurar junto com o melhor amigo e a namorada, o rapaz decide ficar em Porto Alegre e respeitar as regras impostas, mesmo sabendo que a decisão poderá provocar o fim do namoro. Com sua melancolia, a canção parece sonorizar a narrativa, na qual desfilam personagens angustiadas diante de experiências insuportáveis a ponto de fazê-las trilhar caminhos trágicos. De algum modo, a postura de Kurt Cobain espelha essa desilusão passível de levar à autodestruição.

Ao contrário de uma história investida de utopias revolucionárias, o enredo tem como fim previsível a resistência solitária num universo sem sentido. Assim como Cobain, o narrador é um *outsider* sensível que não se ajusta completamente. Se não tira a

própria vida, desilude-se em relação ao mundo e se anestesia frente aos muitos percalços.

Mas precisamos considerar também a parte do entrecho dedicada à história da garota Immaculée Ilibagiza, que recriou em discurso os horrores do conflito armado vivido em Ruanda, como forma de denúncia e clamor por um mundo menos opressor. Na verdade, desde o começo o romance mescla a vivência do protagonista à realidade dessa menina em meio à guerra civil e ao genocídio vivido por sua etnia. Como o relato não respeita a linearidade temporal, as épocas se misturam e as ações, aparentemente desconectadas, vão se ligando com o avançar da leitura.

O livro de Michel Laub ajuda a entender um pouco a juventude nascida num período que, além de repleto de violências decorrentes da ganância imposta por uma sociedade mercantil e completamente reificada, não conta com as utopias que possibilitaram aos moços de outros momentos assumirem atitudes radicais de luta coletiva. Se aqui não há sequer a possibilidade de iniciar a luta, a rebeldia se desdobra em excessos, como o uso de drogas, o consumo de bebidas e até mesmo a adoção de crenças religiosas – como no caso de Immaculée –, em aprisionamento propício ao desalento. Felizmente o excesso escolhido pelo nosso narrador é a palavra, o desejo de narrar para, quem sabe, reduzir a dor que este mundo desintegrado lhe causa.